

A história do Design da Informação na UFPE, antecede, se confunde e colabora para a criação do Programa de Pós-graduação em Design da UFPE, consequentemente com a linha de pesquisa homônima.

Resumidamente, em 2000, foi criado o Curso de Especialização (Lato Sensu) em Design da Informação na UFPE, até então o único do país⁰¹, o qual ofertou seis versões⁰². Em 2001, foi criado o Grupo de Pesquisa

01 Coordenado pelos professores Solange Coutinho e André Neves, como coordenadora e vice coordenador, respectivamente. A partir de 2001, Carla Spinillo assume a vice coordenação da Especialização.

02 O curso de Design da Informação foi descontinuado devido à grande adesão dos egressos e novos postulantes para a linha de pesquisa do mestrado.

em Design da Informação (vinculado ao CNPq)⁰³. No ano seguinte, é fundada a SBDI – Sociedade Brasileira de Design da Informação⁰⁴, com sede inicial em Recife. Em 2003, acontece, também na UFPE⁰⁵, o primeiro CIDI - Congresso Internacional de Design da Informação e Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação⁰⁶. O evento encontra-se ativo e bianualmente ininterrupto, sendo a sua última edição em 2019 e prepara-se para sua décima em 2021. Em 2004, a SBDI lança a Revista Brasileira de Design de Informação – *Infodesign*, o periódico mais relevante para a área no país. Com tal histórico, não poderia ser diferente que a área se tornasse uma das linhas fortes de pesquisa do PPG-Design da UFPE, tanto no seu mestrado (2004) quanto no seu Doutorado iniciado em 2010.

Conta hoje com um quadro de sete⁰⁷ pesquisadores/docentes, sendo quatro do quadro permanente e três colaboradores. Nos

.....
03 Liderado pelas professoras Solange Coutinho (até o presente) e Carla Spinillo. O GP InfoDesign, teve como seu vice-líder Silvio Barreto Campello, posição hoje ocupada por Hans Waechter.

04 Estruturada por Carla Spinillo e Solange Coutinho.

05 Carla e Solange organizam o primeiro CIDI, com a colaboração de Stephania Padovani, Luciana Freire, Evelyn Rodrigues entre outros (REDIG, 2004).

06 Que retornou à UFPE em 2013, em sua sexta Edição, depois de 10 anos.

07 Eva Rolim Miranda, Guilherme Ranoya Seixas Lins, Hans da Nóbrega Waechter, Isabella Ribeiro Aragão, Maria Alice Vasconcelos Rocha, Silvio Romero Botelho Barreto Campello e Solange Galvão Coutinho.

últimos 10 anos formou 43 mestres e 22 doutores⁰⁸, demonstrando o impacto na formação de recursos humanos para a área.

Ao longo desse tempo, acolheu e acolhe discentes de diversas regiões do país, incluindo também estudantes da Argentina e Colômbia. Igualmente, enviou na modalidade sanduiche, doutorandos para o Reino Unido (University of Reading e University of the Arts London), assim como para a Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, na França. Não obstante, egressos do mestrado da linha de DI, concluíram e estão em processo de doutoramento pleno em países como Portugal e França, o que demonstra a articulação internacional do grupo de docentes.

Os pesquisadores da linha estudam temas que abordam os sistemas informacionais físicos ou digitais, assim como artefatos gráficos: comunicacionais, educacionais, de vestuário, os que envolvem questões de gênero e sustentabilidade. Da mesma forma, preocupam-se com o nosso passado por meio de pesquisas acerca da história da tipografia e estudos no campo da memória

gráfica, em particular de Pernambuco.

Nesta primeira edição da coletânea da linha de DI e devido a exiguidade de tempo, apresentamos um pouco dessa diversidade, organizados em três capítulos, oriundos de duas dissertações e uma tese, para além de uma sessão de Opinião.

O título da primeira coletânea – **[in] formar novos sentidos** – reflete também a preocupação do grupo por questões perenes na nossa sociedade (de justiça, ética e inclusão social) assim como outras, também não menos contemporâneas (de cunho mais tecnológicos). Alguns teóricos da área (FRASCARA, 2004; FLUSSER, 2010; PETERSSON, 2013); reconhecem que a forma é um componente fundamental para a significação dos artefatos informacionais e que os designers da informação têm como objetivo facilitar a transmissão e o entendimento de uma mensagem por meio de uma configuração específica. No entanto, o ato de configurar não é só um facilitador de conteúdo, é um conteúdo por si próprio, fazendo eco ao título do livro. Essa discussão

08 Dados coletados até o final do ano 2019 e fornecidos, gentilmente, pela Secretaria do PPG-Design.

é retomada no artigo de Souza et al. (2016)⁰⁹, onde os autores revisam as concepções do Design da Informação e discutem as noções, até então inerentes ao campo, de uma pretensa neutralidade, opacidade e invisibilidade do *infodesigner* no discurso material, simbólico e cultural que evidenciavam um distanciamento confortável, e principalmente, se ausentando como um ator de uma posição política, econômica e ética.

Os Capítulos aqui expostos, apresentam em suas linhas, entrelinhas e discursos tal perspectiva política e ética, e porque não dizer, emancipatória de maneira manifesta, acerca da inclusão social e da cidadania, das práticas artesanais e do ensino do desenho para a formação de designers.

Assim, encontramos no capítulo de Cabral, Aragão e Soares intitulado, “Sincronização entre *motion graphic* de vídeos e tons graves: um estudo exploratório de design direcionado para o público surdo congênito”, como o próprio

título expressa, dedica-se a estudar as possibilidades de representação visual (*motion graphics*) e dos dados sonoros (sons graves) das músicas para o público surdo. Como suporte ao estudo, os autores fazem uso de princípios do Design da Informação – como argumento central – que podem contribuir para uma reflexão acerca da produção e do planejamento de vídeos mais acessíveis. Desta forma, o capítulo nos coloca com a questão da representação social, do direito à inclusão do surdo e consequentemente da valorização da sua cultura e cidadania. Nos desafia, portanto a também refletir acerca do DI na perspectiva de uma dimensão humana/inclusiva, reforçando a ideia presente neste documento por [in]formar novos sentidos.

Já no capítulo “Design da informação e o registro de uma técnica têxtil: a renda renascença”, as autoras Mendonça e Rocha abordam uma das atividades do artesanato têxtil de Pernambuco, transmitido oralmente à cada geração. Elas realizam todo um trabalho

09 Reflexões oriundas das discussões em uma das disciplinas da Linha de Design da Informação em 2015.1 – Tópicos em Design da Informação A, ministrada por Solange Coutinho e Eva Rolim Miranda.

de documentação pictórico-esquemática dessa tradição e de suas técnicas, além de demonstrar o potencial do design da informação como uma maneira de [in]formar e preservar a cultura material por meio de registros e representações de práticas artesanais como a da renda renasçença. Evidencia-se a importância deste esforço, uma vez que o patrimônio imaterial, transmitido de forma oral, pode facilmente se perder. O registro também confere a possibilidade de que a prática local possa ser comparada com outras formas de artesanato têxtil realizados em outros locais, ou outros países.

Por sua vez, as autoras Zimmermann e Coutinho em seu capítulo intitulado “Do Desenho conceitual ao pictórico: experiências e reflexões no ensino do desenho formação em design gráfico” apresentam uma reflexão interdisciplinar sobre a prática do desenho para o ensino em design gráfico, baseado em abordagens recentes influências e possibilidades do ensino do desenho na formação e (in)formação levando em consideração as transformações tecnológicas que modificaram este cenário. Se utilizando da análise de dois contextos de ensino, diferentes no Brasil e Reino Unido. As classificações apresentadas pelas autoras, incorporam aqueles desenhos que contribuem para a organização da informação tornando-as acessíveis aos profissionais e estudantes envolvidos.

E por fim, não menos importante, na seção Opinião, Barreto Campello nos coloca diante do grande desafio de pensarmos em

como superar o capitalismo por meio do seu instigante texto intitulado “O que pesquisar no Design da Informação para chegar ao século XXI” levando em consideração o esgotamento e desequilíbrio na nossa relação com a natureza, a incorporação das atividades humanas em artefatos e o resultado evidente da precarização do trabalho. O texto aponta para as possibilidades de ação do campo para trazer estabilidade para as esferas humanas e naturais, provocando o nosso radar para transformações de sentidos de mundo.

Posto o desafio, gostaríamos de agradecer, a disponibilidade e dedicação da Comitê Científico de Design da Informação, em particular, o olhar acurado de Carla Spinillo (UFPR) e Mônica Moura (UNESP), pela valiosa contribuição neste volume.

Esperamos que a leitura **[in]forme** e **ative novos sentidos** para o leitor.

REFERÊNCIAS

FLUSSER, V. 2010. **Uma Filosofia do Design**: A Forma das Coisas. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água.

FRASCARA, J. 2004. **Communication design**: Principles, Methods and Practices. New York: Allworth Press.

PETTERSSON, R. 2013. **Information Design – Basic ID-concepts**. IIID Public Library. Disponível em: <<http://www.iiid.net/>>

REDIG, J. 2004. Não há cidadania sem informação, nem informação sem design. **InfoDesign** Revista Brasileira de Design da Informação, v. 1, n. 1 [2004], p. 58-66.

SOUZA E. A., OLIVEIRA G. A. F., MIRANDA E. R., COUTINHO S. G., FILHO G. P., WAECHTER H. N. 2016. Alternativas epistemológicas para o design da informação: a forma enquanto conteúdo. **InfoDesign** Revista Brasileira de Design da Informação, v. 16, n. 2 [2016], p. 107 – 118.